

## Introdução

Londres 1982

UM CONCERTO PARA TELEVISÃO  
NO ACE  
BRIXTON (PERTO DA CÂMARA MUNICIPAL)  
BRIXTON HILL

### **BIRTHDAY PARTY**

e VIRGIN PRUNES  
QUINTA FEIRA, 25 DE NOVEMBRO

As portas abrem às 20h00. Espectáculo: 20h45  
BILHETES £2.50

O som ambiente do recinto baixa de volume enquanto os Birthday Party se alinham lentamente no palco. Uma explosão de aplausos, assobios, e improperios saúdam a sua aparição. A multidão à cunha aperta-se à frente do palco e oscila devido às pessoas que se acotovelam umas às outras para verem melhor. Um jovem entroncado com uma crista cor-de-rosa abre metodicamente o seu caminho para se pôr mesmo diante do palco, empurrando os outros à sua volta. Agarra-se ao palco para se apoiar e garantir a sua posição privilegiada. Mick Harvey instala-se energeticamente à bateria, com uma expressão determinada. O esquálido guitarrista Rowland S. Howard, com um cigarro ao canto da boca, não tira os olhos do chão. Tracy Pew, exibindo um grande chapéu preto de *cowboy*, com uma camisa às pregas, gravata, calças de cabedal e um cinto de couro sobejamente artilhado, dedilha o baixo, emitindo lígubres vibrações por todo o recinto. Nick Cave, o vocalista, transmi-

te uma presença impressionante: alto, magro, com os seus longos cabelos tingidos de preto armados numa popa revolta que lhe aumenta ainda mais a considerável altura. Calça botas bicudas com saltos cubanos, veste calças de couro e uma T-shirt exibindo uma única palavra — JESUS. Contempla desdenhosamente o público por instantes, depois fala para o microfone: “Temos de esperar que nos tragam o cabo. Vocês podem entreter-nos enquanto esperamos.” Gritos, assobios e gargalhadas respondem a este anúncio. Operadores de câmara, com grandes gravadores de vídeo portáteis aos ombros, assaltam o palco, recebendo as instruções dos seus auscultadores. “Vamos lá a isso!” Cresce a impaciência entre a multidão.

“Hands up who wants to die!”\* grita Cave. A multidão explode, as mãos disparando para cima. Inicia-se o batimento militar da percussão de Mick Harvey. Cave percorre o palco, grunhindo, ganindo, pontuando o ritmo hipnótico. “Have you heard how Sonny’s burning?”\*\* berra Cave. De imediato, a guitarra fracturada e distorcida de Howard e o baixo ribombante de Pew começam a propulsionar a música até à erupção. O som enérgico da banda é comprimido, abrasivo, impiedoso na sua aceleração. “Flame on! Flame on!”\*\*\* grita Cave para os rostos da multidão agora em brasa diante do palco. Os pés de Cave atiram pontapés para o público, punhos acenam-lhe em resposta.

Durante o clímax do penúltimo número do programa, “Fears of Gun”, Cave, contorcendo-se no chão, é brutalmente arrastado para o meio da multidão, atirando pontapés em todas as direcções. “Love! Love! Love...” O microfone desaparece no tropel. Imediatamente, o rapaz da crista cor-de-rosa, que durante toda a noite esteve à espera de uma oportunidade para atacar o cantor, arranca a T-shirt das costas de Cave e, juntamente com outros membros do público, começa a esfarrapá-la. Sorri para os amigos: obteve a sua recordação da noite. A equipa dos operadores de câmara paira a

\* “Mãos ao ar quem quer morrer!” (N. T.)

\*\* “Já ouviram como a Sonny está a arder?” (N. T.)

\*\*\* “Ardam! Ardam!” (N. T.)

uma distância segura lá atrás, procurando localizar Cave nas suas miras. Um braço, uma perna, depois surge a cabeça e o cantor esforça-se por trepar pelos ombros da plateia até à banda. Dois *roadies*\* tentam içá-lo de volta ao palco. Cave atira-lhes murros. Howard detona o *feedback* do seu amplificador, Pew e Harvey mantêm um ritmo tonitroante. De repente, detém-se a investida dos três músicos, mas Cave debate-se ainda com o público e os *roadies*. Desliza devagar de volta ao palco, sobre as cabeças da assistência, enquanto os *roadies* procuram localizar o microfone no meio da confusão. *Feedback*, gritos, palmas.

“Tinham terminado o repertório, sobrava tempo para um *encore* e as pessoas da TV estavam à espera”, recorda Chris Carr, responsável pela imagem da banda. “O realizador perguntou-me, ‘O que é que se segue?’ Respondi que não sabia.” Ainda nos restavam quinze minutos. Subi as escadas ao lado do palco. O Tracy e o Rowland estavam sentados lá ao fundo. Cheguei lá acima, entrei no camarim e abordei o Mick e o Nick. Perguntei, ‘Vocês vão voltar e fazer mais coisas?’ O Nick disse ‘Para quê?’. Insisti, ‘As primeiras quatro canções eram material novo, por isso vamos lá.’ O Mick virou-se, ‘Porque raio é que não vais tu fazê-lo?’ Retorqui, ‘Quê? Eu ir lá para cima e atirar os foguetes?’ O Nick respondeu, ‘Sim, porque é que não vais lá para cima atirar o raio dos foguetes!’.

“Houve uma discussão acesa em que o Mick foi o principal agressor. O Nick representava o seu papel de escorpião, a picar. Decidira que aquilo era divertido pelo que ia ver até onde ia dar. Finalmente, lá conseguimos resolver o assunto e eles voltaram a descer a escada. Consultaram o Rowland e o Tracy e decidiram que iam tocar. A primeira canção do *encore* seria ‘Release the Bats’, que eles tinham executado umas poucas de vezes na sua vida. O pessoal da TV e o público ficaram bastante satisfeitos.”

“Mais! Mais!” A banda regressa relutantemente ao palco. Cave tem um ar distraído, aborrecido. Pew parece particularmente instá-

\* Seguidores incondicionais de uma banda ou conjunto musical, que procuram assistir a todos os seus concertos, e às vezes são financiados para acompanhar os grupos em digressão. (N. T.)

vel, desengonçado. Mick Harvey dá a impressão de estar extraordinariamente zangado. Os membros da banda olham vagamente uns para os outros. “Mais! Mais!” Pew readapta-se ao seu instrumento e esforça-se por tocar um acompanhamento de baixo que soa demasiado a uma canção que o grupo já tocou nessa noite. “Já ouvimos essa!” berra uma voz feminina na multidão. Pew pára de tocar, depois tenta de novo. O refrão parece exactamente o mesmo. O grupo troca entre si olhares hesitantes. “Vamos lá a isso!” Mick Harvey assume o controlo da situação e grita o ritmo da canção que eles combinaram tocar: “Um, dois, três, quatro!” Começa a fustigar a bateria. Pew principia a tocar como se nesse instante se apercebesse que perdera a sua deixa: entra fora de tempo com o refrão completamente errado. Exasperado até ao limite da sua paciência, Harvey atira as baquetas para o chão e lança um olhar fulminante ao baixista.

“Eu estava a olhar do lado do palco e vi o que me pareceu ser um malentendido entre Mr. Pew e Mr. Harvey”, prossegue Carr. “Mr. Pew esforçou-se por rectificar o engano. Recordo-me de partes do *kit* da bateria a voarem pelos ares, caindo fora do palco. Mr. Pew, acabrunhado, desligou o baixo, o Rowland cirandava pelo palco com aquele seu ar de quem caiu ali de pára-quedas e o Nick Cave abalou de repente. Perguntei ao Tracy o que acontecera, e ele respondeu, “A culpa não foi minha, não me conseguia lembrar de como se tocava o ‘Release the Bats’ e o Mick não gostou nada e destruiu o *kit* da bateria. Lamento.”

O guitarrista Rowland Howard avança negligentemente para o microfone por entre os berros e punhos erguidos da plateia. Nick Cave, que voltou ao palco, aproxima-se dele, tapa o microfone com uma mão e começa a sussurrar-lhe ao ouvido. Ouvem-se fragmentos da conversa: “Pois...ouve... de modo nenhum... pois, está tudo bem. Olha, se queres dizer-lhes, diz-lhes.” Cave desanda. Howard pigarreia e dirigem-se ao público. “Se desejam um *encore* de Nick Cave e Mr. Harvey, acho que o melhor é berrarem porque parece que eles se recusam... Lamento.” Howard abandona o palco. Membros da assistência continuam a patear em uníssonos, as palmas aumentam de volume. “Mais! Mais!” Três minutos depois,

Nick Cave, Tracy Pew, Rowland S. Howard e Mick Harvey ainda não voltaram e a multidão uivante é evacuada pelo som ambiente do recinto que se faz ouvir, cuspidando uma música insípida de funk\* branco com um estóico ritmo de dança: thud, thud, thud... Acabou o espectáculo.

Na semana seguinte, a crítica de Steve Sutherland ao concerto, no *Melody Maker*, concluía com este parágrafo profético: “Quando o assunto que dá mais que falar numa noite é o facto de uma banda regressar para um *encore*, discutir o tema a tocar e debandar do palco sem conseguir chegar a um consenso, quando se chega ao ponto em que aquilo que uma banda *não* faz é mais importante do que o que faz, talvez o maior desafio seja deixar de existir.”

\* Estilo que compreende várias formas de música tradicional negra, caracterizado por um ritmo de fundo muito marcado. (N. T.)